

DOXOLOGIA EUCARÍSTICA: Análise literário-formal, segundo a metodologia da "lex orandi, lex credendi" (2ª parte)*

**Eucharistic doxology: literary-formal analysis, according to the
methodology known as "Lex orandi, lex credendi" (2nd part)**

Rodrigo Ladeira Carvalho**

Resumo

Tomando como ponto de partida a estrutura geral das orações eucarísticas de todos os tempos (orientais e latinas), à luz do axioma "lex orandi, lex credendi, lex agendi" é possível notar que sua fórmula doxológica (louvor final) configura-se como uma espécie de inclusão textual que amarra o todo da dinâmica anafórica. Mal traduzida ou rezada incorre no risco de perder o imprescindível gosto (sabor) misterioso e dialógico, próprios de toda celebração litúrgica.

Palavras-chave: fórmulas doxológicas, "lex orandi, lex credendi, lex agendi", oração eucarística.

Abstract

Taking as starting point the general structure of the Eucharistic prayers of all times (oriental and Latin), in light of the axiom "lex orandi, lex credendi, lex agendi" it is possible to notice that its doxological formula (final praise) configures as a type of textual inclusion that ties all of its anaphoric dynamics. Poorly translated or prayed incurs in the risk of losing the indispensable mystical and dialogical taste (flavor), proper of all liturgical celebration.

* Artigo enviado em 25/10/2010, aprovado para publicação em 03/11/2010.

** Bacharel em teologia pela FAJE (2010).

Keywords: doxological formulas, "lex orandi, lex credendi, lex agendi ", Eucharistic prayer.

2 As "doxologias finais" à luz da "lex orandi"

Analizados os dois modelos de oração eucarística (*anamnético e epiclético*), em sua macro-estrutura, podemos agora dar um zoom no elemento que arremata a anáfora, a *doxologia final*, sem o risco de desagregá-la do conjunto literário que, por sua **posição** na prece, se constitui num epílogo¹.

Recortaremos, das orações eucarísticas de todas as famílias litúrgicas (veja ítem 1), por amostragem², *suas doxologias finais*. Ficará esclarecida a maneira mais coerente, porque atestada pela Tradição, de compor e concatenar essas fórmulas de desfecho do discurso eucarístico.

Levaremos em conta o aspecto teológico-formal, estrutural e temático. Deter-nos-emos na articulação dessas fórmulas com seu elemento imediatamente anterior (restrito) e com o todo da prece (amplo), sem nos esquecermos da infra-estrutura temática peculiar da *doxologia eucarística*.

2.1 Ao Pai, por Cristo, no Espírito

O **tema** subjacente de toda afirmação *doxológica*, inscrita na sua denominação, em conformidade com o legado bíblico é, decididamente, o louvor, a glorificação de Deus.

"As doxologias na liturgia dependem das do Novo Testamento e estas, por sua vez, possuem estreitas ligações com as doxologias do Antigo Testamento e da tradição judaica posterior." (VAGAGGINI, 2009, p. 205).

Consta, no testemunho neotestamentário uma série de doxologias endereçadas somente ao Pai³; três dirigidas ao Pai por Cristo⁴; quatro certamente endereçadas somente a Cristo⁵; uma endereçada a Deus e a

¹ As doxologias foram sempre abundantes na tradição grega, "que costumava fechar com uma doxologia não somente a grande "eucaristia" da missa, mas qualquer oração litúrgica, segundo freqüentíssimo uso judaico. (...) A tradição romana latina não seguiu o uso de terminar toda oração litúrgica com a doxologia, mas reteve o uso universal de encerrar com ela o Cânon da missa." (VAGAGGINI, 2009, p. 206).

² Tomaremos, das de dinâmica anamnética, quatro das mais antigas, incluindo a já analisada em seu conjunto (Tradição Apostólica) e uma das mais novas, a anáfora VI da Igreja ambrosiana. Das de dinâmica epiclética, recolheremos um exemplar da estrutura Siro-oriental (Addai e Mari); duas das Alexandrinas (Serapião e São Marcos); e das Romanas, o Cânon, as novas orações, lidas em conjunto (II, III, IV e para diversas circunstâncias) e uma da Igreja zairense.

³ Deus, Deus e nosso Pai: Rm 11,36; Gl 1,5; Fl 4,20; 1Tm 1,17; 6,16; 1Pd 5,11; Ap 4,9-11; 7,12. (VAGAGGINI, 2009, p. 205).

⁴ Rm 16,27; 1Pd 4,11; Jd 25. (ibid.).

⁵ 2Tm 4,18; Hb 13,21; 2Pd 3,18; Ap 1,6. (ibid.). Rm 9,5, muito provavelmente (ibid., p. 206).

Cristo (Ap 7,10) e uma ao Pai na Igreja em Cristo (Ef 3,21). As doxologias litúrgicas compõem um formulário específico, cujo conteúdo é determinadamente cristológico-trinitário⁶.

Há, nas formulações doxológicas, dois movimentos caros à liturgia cristã: o descendente (catabático) – Deus vem ao nosso encontro (Is 4,6; Jo 1,1-4.14), por isso somos impelidos (Ef 1,11s.; 2,18) a Ele, por Ele mesmo (movimento contrário, ascendente – anabático). **Do** Pai, **por** Cristo, **no** Espírito Santo, **ao** Pai. O Pai – *ut a quo / ut ad quem* (a quem / ao qual); o Filho – *ut per quem* (por quem); e o Espírito Santo – *ut in quo* (no qual). *Ad Patrem, per Filium eius, Iesum Christum, in Spiritu Sancto.*

2.2 “Doxologias finais” nas anáforas de dinâmica anamnética⁷

a. Constituições Apostólicas

Invocamos-te ainda pelos que estão ausentes por legítima causa; <trecho final da longa série de *intercessões*>
para que, conservando-nos todos na piedade,
[nos] reúnas inabalável, irrepreensíveis, imaculados,
no reino de teu Cristo,
ó Deus de toda natureza inteligente e sensível, nosso rei,
<9> pois a ti, por meio dele,
toda glória, veneração e ação de graças;
e, por causa de ti e depois de ti,
a ele honra e adoração no Espírito Santo,
e agora e sempre e nos infinitos e sempiternos séculos dos séculos. Amém!

A partir do crescendo escatológico da última *intercessão*, quase como que solicitando o desfecho da prece, se constroi a doxologia. A conjunção consecutiva “pois” indica a ligação da *doxologia* com o período anterior, sem o qual perderia o sentido.

Além disso, a fórmula retoma o tema do louvor inicial (“Verdadeiramente é digno e justo antes de tudo cantar hinos a ti” — I. 6 <*prefácio*>), utilizando assim o recurso literário da inclusão.

O modo como está concatenada a *doxologia à intercessão*, sem cesura textual, é um traço bastante desejável e paradigmático.

b. Tradição Apostólica

[para que] congregando-a em um só [corpo], <*epiclese sobre os comungantes*>
dês a todos os que participam dos santos [mistérios],
serem repletos do Espírito Santo,
para confirmação da fé na verdade,
<9> para que te louvemos e glorifiquemos
por teu servo Jesus Cristo,
por quem a ti [é] a glória e a honra
([a ti] Pai, e ao Filho com o Espírito Santo)
na tua santa Igreja,
agora e pelos séculos dos séculos.
Amém!

⁶ A maior parte das doxologias finais são binárias (nomeiam Pai-Deus-Senhor; Cristo-Filho) ou ternárias (Pai; Cristo-Filho; Espírito Santo). (cf. VAGAGGINI, 2009, p. 205-206).

⁷ Transcrevemos (em itálico), aqui e na análise das doxologias das anáforas de dinâmica *epiclética*, algumas linhas do texto que precede a *doxologia final* (*normalmente* as *intercessões*), com o fito de demonstrar a ligação desta com aquele. A base desse estudo está em GIRAUDO (2003, p. 255s.).

A Tradição Apostólica é das poucas anáforas em que estão ausentes as *intercessões*, fazendo com que o pedido de *transformação dos comungantes* se configure como o elemento que precede a *doxologia*. Estes dois elementos estão ligados de modo sintático pela conjunção final “para que” (primeira linha da *doxologia*), indicando uma relação de subordinação ao texto precedente.

A prece tem seu desfecho com a fluidez esperada. Aqui, como na prece das “Constituições Apostólicas”, o texto doxológico retoma a temática inaugurada no *prefácio* (“Damos-te graça, ó Deus” — *linha 1*).

c. Anáfora alexandrina de São Basílio

Quanto a nós, que habitamos como peregrinos cá em baixo, <intercessão pelos presentes>
conserva-nos em tua fé e guia-nos em teu reino,
agraciando-nos com tua paz em todas as circunstâncias,
<9> para que, neste tempo como em todo tempo,
seja glorificado e exaltado e louvado e bendito e santificado
teu Nome santíssimo, venerado e bendito,
em Cristo Jesus e no Santo Espírito,
como era, [como é e como será de geração em geração,
pelos séculos dos séculos.
Amém!]

As *intercessões*, nessa prece de riqueza estrutural, compõem-se por seis pedidos (pela Igreja universal <8a>; pela Igreja hierárquica <8b>; pela Igreja no mundo <8c>; pelos oferentes <8d>; pela Igreja triunfante e padecente <8e>; e pelos presentes <8f>). Cada uma das *intercessões*, bastante delineadas, estão atadas entre si por força gradativa (*in crescendo*) bastante peculiar, corroborando para trazer à tona, como expressão máxima dessa gradação, a *doxologia derradeira*.

A última *intercessão*, que tem por objeto os “peregrinos cá em baixo”, auge da tensão escatológica da anáfora, faz a prece desembocar na *doxologia*. É o clímax da prece, que produz uma inclusão textual, sem corte literário. “A transição da última *intercessão* à *doxologia epiclética* (...) é tão fluente que é difícil de estabelecer a cesura.” (GIRAUDO, 2003, p. 317).

d. Anáfora de São João Crisóstomo

Lembra-te, Senhor, dos que produzem fruto <último trecho das intercessões>
e dos que fazem o bem em tuas santas Igrejas e se recordam dos pobres,
e sobre todos nós envia tuas misericórdias.
<9> E concede a nós, como uma só boca e um só coração,
glorificar e celebrar teu Nome venerável e magnífico,
de ti, Pai e Filho e Espírito Santo,
agora [e sempre e nos séculos dos séculos].
Amém!

Sobre a última *intercessão* se produz a conclusão da prece (*doxologia*), como retorno ao tema da louvação inicial (“É digno e justo cantar hinos a ti, dar-te graças”, - *linha 1 do prefácio*). É impossível ler a *doxologia* da anáfora de Crisóstomo distinguindo-a dessa *intercessão*,

constituída de modo progressivo. O ritmo das intercessões atrai a *doxologia final*. O “E concede a nós...”, muito bem flexionado no início da formulação doxológica, se con-forma, numa espécie de *dégradé* (mistura de cores), com a parte final das *intercessões*, apesar dos períodos estarem separados gramaticalmente. Esse modo de iniciar a *doxologia final*, com um pedido, é bastante peculiar. Mais. A *doxologia* está formatada em vista da Trindade⁸ (cf. Mt 28,19), de Deus em si e não a partir da habitual ordem econômico-salvífica (do Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, ao Pai), utilizada na liturgia e segundo o testemunho bíblico.

e. Anáfora VI da Igreja ambrosiana

Conserva escrito no livro da vida os nomes de todos, <trecho final das intercessões>
para que tu os possas reencontrar a todos
na comunhão de Cristo nosso Senhor.

<9> Com ele e com o Espírito Santo, a ti, ó Pai,
é a honra, o louvor, a glória,
a majestade e o poder,
agora e sempre,
desde a eternidade e por todos os séculos dos séculos.
Amém!

Esta prece é de composição bem mais recente que as precedentes. Faz parte do atual *Missal ambrosiano*. Junto com a V anáfora ambrosiana, configura-se como prece específica do ritual dessa Igreja. (cf. GIRAUDO, 2003, p. 329).

Do ponto de vista do conteúdo e da forma, a *doxologia* obedece às regras de toda formulação doxológica. Quando esta anáfora foi vertida do italiano, o revisor latino optou por permanecer com o ponto final. “Se em vez do ponto final (...) tivesse sido posta uma vírgula, ter-se-ia obtido uma melhor articulação estrutural entre *intercessões* e *doxologia*, exatamente segundo o modelo das anáforas orientais.” (ibid., p. 333). O orante fica com a impressão de que a prece está finalizada antes que ela de fato esteja. O “na comunhão de Cristo nosso Senhor”, do modo como está, soa como um *the end* prematuro.

2.3 “Doxologias finais” nas anáforas de dinâmica *epiclética*

a. Anáfora dos apóstolos Addai e Mari

a fim de que seja para nós, Senhor, <epiclesse sobre os comungantes>
para a expiação das dívidas e para a remissão dos pecados
e para a grande esperança da ressurreição dos mortos
e para a vida nova no reino dos céus
com todos os que foram agradáveis diante de ti.

<9> **E por toda** a tua economia admirável para conosco
te confessamos e te louvamos incessantemente,
na tua Igreja redimida com o sangue precioso de teu Cristo,
como bocas abertas e de rostos descobertos,
dando [louvor e honra e confissão e adoração
a teu Nome vivo e santo e vivificante,
agora e sempre e nos séculos dos séculos].
Amém!

⁸ Ver, abaixo, oração eucarística da Igreja zaireense.

Uma *doxologia epiclética*, construída, como temos visto acima, a partir do crescendo escatológico do último pedido. Não obstante a separação textual (leia-se, ponto final) da parte precedente, a *doxologia final de Addai* está muito bem enlaçada, diferentemente da prece VI da Igreja ambrosiana (acima analisada), com a última *intercessão*. O “corte” é apenas estilístico. Parece-nos que a cisão literária está posta em vista de destacar a arquitetura própria do formulário doxológico, que possui um enredo interno bastante peculiar e, de certo modo, autônomo. Há um encadeamento que nos faz crer nessa não-cesura real. A frase “E por tua economia admirável para conosco”, no início da *doxologia*, remonta ao contexto do elemento precedente (*epiclese sobre os comungantes*), totalmente conformadas à parte *anamnético-celebrativa*, formando um bloco conciso e limpo, e conferindo à doxologia o caráter de inclusiva.

b. Anáfora de Serapião

Recebe também a ação de graças do povo <parte final das intercessões>
e bendize os que ofereceram as oblações e ações de graças
e concede salvação e incolumidade e alegria
e todo progresso de alma e de corpo a todo este povo,
<9> por meio de teu unigênito Jesus Cristo, no santo Espírito,
como era, é e será nas gerações das gerações
e em todos os séculos dos séculos.
Amém!

Com o último pedido de favores (“Recebe também a ação de graças do povo...”), a prece fica como que “impedida”, de modo natural, de continuar seu discurso. A única solução é providenciar um desfecho. É mérito da prece o modo como ela se dissolve na *doxologia epiclética*, evitando uma cesura textual e usando a locução conjuntiva “por meio de”.

c. Anáfora de São Marcos

Olha-nos e manda sobre estes pães e sobre estes cálices <parte final da epiclese para transformação das oblatas>
teu Espírito Santo, para que os santifique e os leve à perfeição como Deus onipotente,
e faça do pão o corpo, e do cálice o sangue da nova aliança
do mesmo Senhor e Deus e salvador e sumo rei nosso Jesus Cristo,
a fim de que sejam para todos nós que deles participamos <epiclese para transformação dos comungantes>
para a fé, para a sobriedade, para a cura, para a sabedoria,
para a santificação, para a renovação da alma, do corpo e do espírito,
para a comunhão à bem-aventurança da vida eterna e da imortalidade,
para a glorificação de teu santíssimo Nome,
para a remissão dos pecados,
<9> para que neste como em todo [tempo]
seja glorificado e cantado com hinos e santificado
teu Nome santíssimo e honrado e glorioso,
com Jesus Cristo e o Espírito Santo,
como era, é [e será de geração em geração
e em todos os séculos dos séculos.
Amém!]

Como as *intercessões* estão deslocadas do seu costumeiro lugar (foram antecipadas para dentro do *prefácio*), a prece ganhou agilidade e fluidez textual. Basta-nos observar o modo como se introduziu a epiclese sobre os *comungantes*. A locução conjuncional “a fim de que”, no início

desta parte, está sintaticamente ligada à *epiclese sobre as oblatas*. O pedido para que se envie o Espírito Santo sobre as oferendas do pão e do vinho não pode ser lido sem o pedido que o sucede. Este se refere àquele, que, por sua vez, flui, sem alongamentos (como faz a Anáfora de Serapião), para a *doxologia epiclética*. “Também aqui é admirável a continuidade literária no tocante ao elemento anafórico precedente. Mais. Analogamente ao que acontece na anáfora da Tradição Apostólica, a ausência de *intercessões* evidencia ainda mais a configuração epiclética da *doxologia final*.” (GIRAUDO, 2003, p. 369).

Do ponto de vista literário, os elementos anafóricos, desde a primeira epiclese, se autoimplicam, apresentando-se em sadia codependência. Esquemáticamente teríamos: **epiclese sobre as oblatas**: “manda teu Espírito Santo sobre os dons... > **epiclese sobre os comungantes**: *...para que sejamos transformados* > **doxologia epiclética**: *...e assim sejas glorificado por nós nos séculos dos séculos*”. (cf. *ibid.*)

d. Cânon romano

*Também a nós pecadores, teus servos, <parte final das intercessões>
que esperamos na multidão de tuas misericórdias,
digna-te dar alguma participação e companhia com teus santos apóstolos e mártires,
com João, Estevão, Matias, Barnabé
(...):
admite-nos – rogamos-te – em sua comunidade,
não sopesando o mérito, mas conhecendo com liberalidade o perdão,
por Cristo Senhor nosso.
Por meio do qual, Senhor, tu crias, santificas,
vivificas, bendizes e nos das sempre todos estes bens.
<9> Por meio dele, com ele e nele,
e a ti, Deus Pai onipotente,
na unidade do Espírito Santo,
toda honra e glória
por todos os séculos dos séculos.
Amém!*

O cânon romano é, de todas, a anáfora mais complexa, que tocou em sorte àquela Igreja que, entre todas, se revelou a menos aberta aos recursos da teologia global e dinâmica. Até o Concílio Vaticano II esta era a única anáfora que o cristão comum conhecia (cf. RUIZ DE GOPEGUI, 2008, p. 175).

Seguindo a lógica de Giraudo, dispusemos o “Por meio do qual...” em posição gráfica recuada. Vários indícios levam a crer que esse parágrafo é uma fórmula conclusiva de uma “bênção dos frutos da natureza”⁹ que, no costume antigo, se situava neste ponto. “Para o

⁹ São fórmulas litúrgicas “que devem ter tido uma vida independente; pois, inicialmente, fala-se destas bênçãos somente depois da missa. No entanto, é também possível que, desde sempre, tenham sido realizadas depois da missa. Em todo caso, na missa egípcia foram transferidas para dentro do cânon. Pelo menos nesse caso aconteceu o mesmo processo que observamos por toda parte nas intercessões que tinham seu lugar antes da liturgia eucarística e que depois foram transferidas para dentro de seu círculo mais estreito: também as bênçãos que seguiam depois da liturgia eucarística foram transferidas finalmente para dentro do cânon da
Pensar-Revista Eletrônica da FAJE v.2 n.1 (2011) 111

esclarecimento do sentido mais nítido das palavras é sobretudo importante que, neste momento, foram abençoadas naturais, em várias ocasiões, nos primeiros tempos do cânon romano e até a Baixa Idade Média e para além dela.” (JUNGMANN, 2009, p. 714).

Essa “bênção” parece um tanto postiça, artificial, porque interrompe o fluxo escatológico advindo das intercessões, sobre o qual se constroi a maioria das *doxologias finais*. Em todo caso, está esclarecida a origem desse texto furtivo. Esse preâmbulo doxológico só encontra sentido revisitado na história.

A *doxologia final do cânon romano* é, sem dúvidas, “um monumento de solenidade literária (...). Se, contudo, a cotejamos com as *doxologias* das outras anáforas, notamos que ela apresenta o grave inconveniente de esfacelar, justamente em seu ponto culminante, o movimento do discurso oracional com uma proposição sintaticamente autônoma.” (GIRAUDO, 2003, p. 384). Seja como for, no cânon romano, encontramos explicação suficiente para aceitar a presença do texto que designamos “postiço”, por força da história; contudo, mesmo suspendendo a leitura do “Por meio do qual”, a *doxologia final* perde um pouco de seu viço¹⁰.

e. Novas orações romanas (II, III, IV, e para diversas circunstâncias)

e.1. Oração eucarística II

de modo que te louvemos e glorifiquemos <parte final das intercessões>

por teu Filho Jesus Cristo.

<9> *Por meio dele, com ele e nele,*

e a ti, Deus Pai onipotente,

na unidade do Espírito Santo,

toda honra e glória

por todos os séculos dos séculos.

Amém!

e.2. Oração eucarística III

por Cristo nosso Senhor, <parte final das intercessões>

por meio do qual dás ao mundo todo bem.

<9> *Por meio dele, com ele e nele,*

e a ti, Deus Pai onipotente,

na unidade do Espírito Santo,

toda honra e glória

por todos os séculos dos séculos.

Amém!

e.3. Oração eucarística IV

te glorificaremos por Cristo Senhor nosso, <parte final das intercessões>

por meio do qual dás ao mundo todo bem.

missa. Ao que parece, o mesmo aconteceu no caso da missa romana. (...) Portanto, a evolução deve efetivamente ter acontecido de tal modo que primeiro foi inserida a bênção das naturais antes do fim do cânon e que, somente depois, surgiu o nosso Per quem. (...) agora, as oferendas eucarísticas estão incluídas — *semper bona creas.*” (JUNGMANN, 2009, p. 715-716).

¹⁰ Na tradução que adotamos não fica tão patente o esfacelamento provocado pelo início da doxologia em relação à última intercessão. A tradução para o Brasil (e Itália) deixa isso mais evidente. Vertemos, em nosso Missal (brasileiro), o “Por meio dele, com ele e nele” em “Por Cristo, com Cristo e em Cristo”, provocando uma espécie de cacofonia que não se ajusta ao “por Cristo nosso Senhor” da última linha das intercessões.

<9> Por meio dele, com ele e nele,
e a ti, Deus Pai onipotente,
na unidade do Espírito Santo,
toda honra e glória
por todos os séculos dos séculos.
Amém!

e.4. Oração eucarística “para várias necessidades”

te louvaremos e exaltaremos <parte final das intercessões>

por Jesus Cristo, teu Filho.

<9> Por meio dele, com ele e nele,
e a ti, Deus Pai onipotente,
na unidade do Espírito Santo,
toda honra e glória
por todos os séculos dos séculos.
Amém!

“Pouco feliz foi a decisão de impor a todas as novas orações eucarísticas a *doxologia* do cânon romano.” (GIRAUDO, 2003, p. 393). A solução, nada criativa do redator, não facilita a leitura inclusiva da *doxologia* no conjunto da obra anafórica.

Nas quatro preces acima a disposição literária da *doxologia* final ficou desajustada. Sua redação, exageradamente autônoma, rompe bruscamente o fluir das linhas precedentes.

As preces II e para *diversas circunstâncias* têm a vantagem de estarem livres do acessório excessivo (“por meio do qual...”), do *cânon romano*, mas, ainda assim, não conseguem produzir um texto coerente com o todo anafórico. A *doxologia final*, ainda assim, ficou do lado de fora do corpo textual, como uma nota-de-rodapé que, em princípio, não precisaria ser lida, é um acréscimo.

Seja como for, vale a beleza literária da formulação doxológica, que nomeia, em louvor, a Trindade, a partir de preposições muito bem empregadas, o que não é mérito dessa prece, uma vez que se trata de uma cópia, por sinal, injustificada.

f. Oração eucarística da Igreja zaireense

Que possamos estar todos junto de ti, <parte final das intercessões>

Para louvar-te e glorificar-te

Por teu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor.

<9> Senhor, possamos glorificar teu nome,

R/: Amém!,

teu nome

R/: Amém!,

venerável:

R/: Amém!,

Pai,

R/: Amém!,

Filho,

R/: Amém!,

Espírito Santo.

R/: Amém!,
Possamos glorificar teu nome,
R/: Amém!,
hoje,
R/: Amém!,
amanhã,
R/: Amém!,
nos séculos dos séculos.
R/: Amém!

Estamos diante de uma sadia adaptação do Ordo Missae para a Igreja zairense. Essa anáfora foi aprovada pela Sé Apostólica no ano de 1988. (cf. GIRAUDO, 2003, p. 407).

À primeira vista pode causar espanto a quantidade de “Amém”, como aclamações, que aparecem não só na *doxologia final*¹¹. O susto é superado na leitura em conjunto da prece. Ela está construída sobre a teologia subjacente do *Amém*¹², numa dinâmica da “escuta ativa”¹³. “A *doxologia epiclética* (...) ritmada por nada menos que dez *Amém* da assembleia, representa uma ótima tentativa de reformulação de um elemento que na tradição do cânon romano apresenta uma ruptura excessiva com relação às *intercessões*.” (GIRAUDO, 2003, p. 411).

Outra vantagem desse modelo de *doxologia* é que, como nas anáforas orientais, na utilização, por duas vezes, da forma optativa “possamos glorificar teu nome”, a *doxologia* se configura como última *intercessão*, ligando-se de modo decisivo às *intercessões* propriamente ditas.

A forma de se dirigir à Trindade, como na anáfora de Crisóstomo (vide acima), é bastante peculiar. A *doxologia* encontrou uma maneira de nomear a Trindade sem o uso costumeiro das preposições (ao / do; por / com / em; no / com), deixando em destaque a igualdade de pessoas e a unidade de natureza. Aqui o nome de Deus é Pai – Filho – Espírito Santo, para os quais a prece denomina “Senhor”¹⁴ (ver Fl 2,9-11).

¹¹ O longo prefácio está demarcado por aclamações, que visam fazer com que o orante acompanhe o trajeto anamnético-celebrativo, que: **a)** recorda Jesus Cristo como único mediador do Pai: Amém. Ele é o único mediador!; **b)** prolongando a anamnese da criação “por meio de Cristo”: Amém. Por meio dele criaste tudo!; **c + d)** daí passa-se à *anamnese* da cristologia da histórico-escatológica: Amém. Nós o cremos!; **e)** Amém. *Ele* ressuscitou. Venceu a morte!

¹² “Sabemos que a palavra hebraica Amém está construída a partir da raiz ‘amán, que conota as noções de ‘estabilidade, verdade, firmeza’. (...) na tradição grega, atestada por Justino, a expressão equivale ao auspício, no sentido de ‘possa realizar-se tudo o que o presidente disse, o pedido que fez em nosso nome!’. Contudo é preciso reconhecer que o significado primitivo do hebraico Amém está mais próximo da afirmação, no sentido das expressões ‘É assim!’, ‘É verdade tudo o que o presidente disse!’, ‘Foi nossa voz!’ (GIRAUDO, 2003, p. 386-387).

¹³ “É importante catequizar a assembleia sobre a diversidade qualitativa entre a escuta receptiva que é chamada a dispensar durante a proclamação das leituras pelos leitores, e a escuta ativa que realiza durante a proclamação da oração eucarística pelo presbítero: lá escuta, compreende e memoriza [é Deus quem fala]; aqui fala a Deus que, naquele momento, é seu interlocutor.” (ibid., p. 412).

¹⁴ A prece está dirigida ao Pai, cujo nome é Senhor e Deus (Il. 1-3 do prefácio: “Verdadeiramente, Senhor, está bem que te demos graças, que te glorifiquemos, [pois] és nosso Deus, é nosso Pai, tu, o onipotente”, conforme a nomeação utilizada no Antigo Testamento). A *doxologia final*, ao aplicar o nome “Senhor”, utilizado ao longo da prece como sinônimo de “Deus”, o Pai, corre o risco de desvincular a aplicação geral do nome (Senhor / Deus) utilizado para a primeira pessoa da Trindade. Mas entendemos que o espírito da sobreposição do nome

Giraudó (ibid.) vê nessa doxologia uma ótima tentativa de reformulação de um elemento que no *cânon* romano apresenta uma ruptura excessiva com relação às últimas intercessões.

2.4 Recolhendo a “*lex orandi*”

Todas as fórmulas doxológicas (tanto as de dinâmica *anamnética* como de dinâmica *epiclética*) **são sempre epicléticas**. Primeiro porque estão localizadas na parte deprecativa, mas, de modo menos óbvio, porque construídas sobre um *crescendo escatológico*. Isso fica, certamente mais evidente quando a *doxologia* está disposta logo após a *epiclese sobre os comungantes*, uma vez que nestas preces estão ausentes as intercessões (Anáfora de Addai e Mari, da Tradição Apostólica, Hispânicas e a de São Marcos). Contudo, isso é apenas ilusório, uma vez que, mesmo quando as *doxologias finais* estão construídas sobre as intercessões (como acontece ordinariamente), como seu elemento imediatamente anterior, a *doxologia* é verdadeira *doxologia epiclética*. É preciso levar em conta que as *intercessões* não são mais que um prolongamento natural (por isso dispensada em algumas anáforas) da *segunda epiclese*. “À medida que estas [*intercessões*] se sucedem, aumenta a tensão rumo ao reino escatológico no qual pedimos que Deus nos reúna e introduza para podermos glorificá-lo sem fim.” (GIRAUDO, 2003, p. 384).

Este pressuposto nos faz compreender outro aspecto imprescindível da *doxologia epiclética*, apreendido do testemunho litúrgico. Toda fórmula doxológica tem um caráter **inclusivo**. A temática de seu discurso acena para uma retomada do louvor inicial. O fim da prece resgata o começo.

O caráter inclusivo da *doxologia final* está dado em seu **conteúdo**, eminentemente cristológico-trinitário¹⁵, construído a partir das preposições *ad* (*ao / do*), *per* (*por / com / em*), *in* (*no / com*). De uma maneira ou de outra, mais ou menos explícita, as formulações seguem esta regra. Vale destacar a particularidade das anáforas de São João Crisóstomo e da Igreja do Zaire que, abrindo mão das preposições costumeiras para a liturgia permite vislumbrarmos as relações intratrinitárias e não tanto o dinamismo das missões extratrinitárias, como fazem a maior parte das fórmulas doxológicas.

A análise literário-formal das preces eucarísticas nos ensinou que uma anáfora saudável é feita de “vasos comunicantes”, onde os elementos anafóricos estão superpostos, como telhas que precisam estar encaixadas uma nas outras para formar um telhado. Mais. Por serem um conjunto, os nove elementos da prece são redutíveis à fundamental

“Deus / Senhor” (aliás, esse último mais utilizado na prece) às outras pessoas da Trindade bebe da lógica de Fl 2,6-11, onde o Pai é quem dá seu próprio nome ao Filho, para que “toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor”.

¹⁵ “O culto do Deus uno não existe na liturgia” (VAGAGGINI, 2009, p. 198). A liturgia é sempre trinitária, ternária, em alguns casos, binária. (cf. id.).

bipartição estrutural. Quando olho para o telhado, mais do que telhas, dou conta de saber que ali há um verdadeiro telhado. Quando uma dessas telhas se quebra a prece fica esburacada, deixando o interior da casa desprotegido.

Conclusão

A partir da leitura analítica dos textos eucarísticos, de modo específico *dos formulários doxológicos*, auscultamos o modo como a fé da Igreja se estabeleceu¹⁶. Mas não só a fé, também e simultaneamente a vida cristã (cf. Cl 3,17). Orar, crer e agir (liturgia – fé – ética / *lex orandi – lex credendi – lex agendi*) estão imbricados¹⁷. “Se não se leva em consideração a interdependência dos três momentos, não se esclarecem as relações entre quaisquer dos outros dois componentes da tríade.” (TABORDA, 2009, p. 34).

“A oração cristã é sempre constituída por três momentos: ouvir a Palavra de Deus, fazer o que se escutou e responder na ação de graças ou no pedido de perdão” (ibid., p. 35). A vida genuinamente cristã deve estar embebida numa fé que, por sua eclesialidade (eu creio – nós cremos), encontra sua fonte¹⁸ na oração da / na / em Igreja, na liturgia.

As *doxologias eucarísticas* nos ensinam o caminho correto para chegarmos (meta) ao Pai (cf. Rm 8,14-17). Isso fica evidente quando, em sua formulação, se utilizam as preposições, mostrando, a partir das missões extratrinitárias, o modo operativo da salvação se realizar — *por Cristo, com Cristo, em Cristo, ao Pai, pelo Espírito Santo*. Mas também quando expressa isso no âmago mesmo da Trindade (Deus em si), a partir das relações intratrinitárias, sem o uso das preposições (cf. anáforas de Crisóstomo — *Pai e Filho e Espírito Santo; e da Igreja zairense — Pai, Filho, Espírito Santo*).

Intra ou extratrinitariamente é evidente o caráter e função epilodal da *doxologia* derradeira. Ela é, *in crescendo*, ligada às *intercessões*, o ápice do louvor de Deus. Nela saboreamos o todo¹⁹ da dinâmica eucarística. A

¹⁶ A seleção dos textos levou em conta os critérios de universalidade, antiguidade e consenso unânime (*quod ubique, quod semper, quod ab omnibus creditum est* – o que foi crido em toda parte, sempre e por todos), formulado por Vicente de Lérins (+ 450). (cf. GIRAUDO, 2003, p. 17).

¹⁷ O Documento de Aparecida (n. 251), ao falar da eucaristia como “o lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo”, assinala a existência de um “estrito vínculo entre as três dimensões da vocação cristã: crer, celebrar e viver o mistério de Jesus Cristo, de maneira tal que a existência cristã adquire verdadeira forma eucarística”.

¹⁸ “(...) a Liturgia é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força.” (*Sacrosanctum Concilium*, 10, in: DS 4010). “Pela participação no sacrifício eucarístico de Cristo, fonte e centro de toda vida cristã, oferecemos a Deus a vítima divina e a nós mesmos juntamente com ela.” (*Lumen Gentium*, 11, in: DS 4127;).

¹⁹ “Os fiéis — sobretudo os sacerdotes — devem habituar-se a considerar a oração eucarística, não como um campo de ossos áridos (cf. Ez 37), mas como uma *unidade literária densa de tensão teológica*, que se desenvolve entre o diálogo invitatório e o ‘Amém’ final.”. (GIRAUDO, 2003, p. 548).

doxologia final não é um mero apêndice²⁰ da anáfora, mas um desfecho indicativo e imperativo da glória de Deus.

Palavras, gestos e silêncios, são ingredientes indispensáveis para saborear a liturgia eucarística. A vida cristã precisa ser transubstanciada pela glória do ressuscitado, celebrado em sacramento na liturgia. O cristão deverá, acompanhando o discurso teológico-litúrgico, fazer da sua própria existência um grande louvor de Deus, uma *doxologia*.

“Venha a tua graça e passe este mundo! *Hosana* ao Deus de Davi. Aquele que é santo aproxime-se. Quem não é, converta-se. *Maranatha! Amém.*” (Conclusão da ação de graças da DIDACHÉ, in: RUIZ DE GOPEGUI, 2008, p. 265).

Referência bibliográfica geral

ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de liturgia*. 3.ed. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2002. (Biblioteca litúrgica, 3). p. 128-129.

BÍBLIA *Tradução Ecumênica* (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida* – texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: CNBB; Paulinas; Paulus, 2007.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünermann. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007. [DS].

DOTRO, Ricardo Pascual; HELDER, Gerardo García. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Loyola, 2006.

GIRAUDO, Cesare. *Num só Corpo: tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003. (Theologica).

JUNGMANN, Josef Andreas. *Missarum sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. São Paulo: Paulus, 2009.

RUIZ DE GOPEGUI, Juan A. *Eukharistia: verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008. (Theologica).

TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2009. (Theologica).

VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 205-214.

²⁰ Neste sentido é desaconselhável o eventual canto da *doxologia* para não privilegiá-la em detrimento do resto da oração eucarística e para não secundar a convicção errônea de que ela não faz parte da oração eucarística. (cf. GIRAUDO, 2003, p. 549; 551).